

ENTREVISTA CONCEDIDA PELO PROFESSOR NELSON DÁCIO TOMAZI À REVISTA FRONTEIRAS PLURAIS.

Esta entrevista foi concedida por Nelson Tomazi¹ ao Cientista Social Gleison Maia Lopes² no âmbito de publicação do terceiro número da Revista Fronteiras Plurais, vinculada ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Maranhão-IFMA, cujo tema central é a experiência do professor Nelson Tomazi nas temáticas sociais ao longo de sua trajetória acadêmica, especificamente ligadas à educação e o ensino de sociologia.

A Revista Fronteiras Plurais, por meio de seu conselho editorial, agradece ao Professor Nelson Tomazi, onde este opta por dividir conosco um pouco de sua história, trajetória, percepções e afetações.

Professor Gleison: O senhor poderia falar um pouco sobre sua trajetória, discutindo conosco a influência de seu percurso nas escolhas acadêmicas e profissionais.

Nelson Tomazi: Minha relação com a Sociologia/Ciências Sociais se iniciou quando ingressei no curso de licenciatura em Ciências Sociais na UFPR em 1969. Logo depois de estar graduado em dezembro de 1972, já em fevereiro de 1973, estava trabalhando em dois lugares: em um projeto latino-americano como sociólogo em análise regional, e à noite como professor de Sociologia e Metodologia e Técnica de Pesquisa na FEA (Faculdade de Economia e Administração). Tinha como projeto fazer mestrado na FLACSO no Chile em 1974, onde já tinha sido aceito, mas em setembro de 1973 houve o golpe contra Allende e a FLACSO mudou-se para Buenos Aires na Argentina. Em janeiro de 1974 mudo para a B. Aires para começar o curso nesta instituição, mas há vários impedimentos para a implantação de seus cursos ali. Com a morte de Juan Domingo Perón, presidente da república Argentina, em julho deste ano, a situação política na Argentina desandou e tive que voltar ao Brasil. Mesmo assim, pude aproveitar deste ano quando fiz vários cursos livres sobre América Latina, cinema, marxismo e outros tantos. Voltei ao Brasil em dezembro de 1974 e em janeiro de 1975 fui contratado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) para trabalhar como

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1972), mestrado em História Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1988) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (1996). Foi professor de Sociologia, Ciência Política e Metodologia e Técnica de Pesquisa na Universidade Estadual de Londrina e na Universidade Federal do Paraná na graduação e pós-graduação. Atualmente é professor aposentado dedicando-se a escrever e implementar ações que visem a efetiva implantação com qualidade da sociologia no ensino médio. Tem experiência na área de Sociologia, de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia, ensino de sociologia, ensino médio, ciências sociais e história.

² Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (PPGCS/UNIFESP); Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC). Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo de Sociologia (Dedicação Exclusiva) do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Estado do Maranhão (IFMA), Campus Imperatriz.

sociólogo na área de planejamento. Somente em 1977 tornei-me professor da UEL. E desde então, até a minha aposentadoria em 2005, desenvolvi atividades de docência. Neste período, fiz o mestrado em 1986 e o doutorado em 1996, ambos na área de História, por conveniência pessoal e por alternativa metodológica e teórica, pois como afirma Lucien Goldman, em seu livro *Ciências Humanas e Filosofia – Que é a Sociologia*: “A sociologia não pode ser concreta se não for histórica, do mesmo modo, a história, se pretender ultrapassar o simples registro dos fatos, tornar-se-á necessariamente explicativa, a saber, numa medida maior ou menor, sociológica”.

Um dado muito importante, em termos de formação acadêmica, foi o fato que comecei o meu mestrado em Sociologia na USP, onde pude ter professores, como Lucio Kowarick, Francisco Weffort, entre outros. Fiz também um curso livre com Florestan Fernandes sobre Cuba, que depois virou livro. Além disso fiz um curso com Octavio Ianni, na PUC-SP sobre O Capital. A convivência universitária, durante um ano e meio, naquele momento foi muito importante para minha formação acadêmica. Além disso, pude também ter uma relação mais intensa com o professor Mauricio Tragtenberg, que me acolhia em sua casa para grandes papos e orientações. Tive que voltar à UEL, sem concluir o mestrado na USP, pois como não tinha bolsa ficou muito difícil continuar residindo em São Paulo. Concluí o meu mestrado em História na UNESP-Assis, aproveitando muitos créditos da USP. Posteriormente, fiz meu doutorado na UFPR concluindo-o em 1996. Depois de aposentado, ainda como professor visitante, voltei à UFPR, por um ano e meio, para desenvolver um projeto vinculado ao ensino da sociologia no ensino médio e ministrei aulas na graduação, mestrado e doutorado em Sociologia.

Hoje aos 75 anos, dos quais 52 estão vinculados às ciências sociais, como aluno de graduação, mestrado e doutorado e como professor e autor de livros, venho ainda mantendo a minha lide nesta área, desde 1993 vinculado mais à área da Sociologia no ensino médio. Procuo analisar toda esta trajetória e vejo que neste momento é necessário começar a pensar de como poderemos agir pelo que vem pela frente. Trabalho duro que vai exigir muita paciência, criatividade e imaginação para criarmos coisas novas.

Professor Gleison: O que o levou a ser professor e, mesmo diante de uma múltipla possibilidade de campos de pesquisa e análise, trabalhar, em grande parte de sua trajetória, com ensino e institucionalização da sociologia enquanto disciplina?

Nelson Tomazi: É importante destacar que não existiam múltiplas possibilidades na década de 1970 quando me graduei. Em Curitiba as opções eram trabalhar em algum órgão estatal/governamental como sociólogo, ou tentar ministrar aula em alguma faculdade particular. Consegui fazer as duas coisas, mas nem todos os graduados conseguiram isso. Não havia a presença da disciplina sociologia no ensino médio, e isso limitava muito as escolhas. Mas como desde o início queria ser professor batalhei para alcançar este objetivo.

Talvez aqui caiba uma pequena reflexão sobre as possibilidades de trabalho hoje, para quem se gradua em Sociologia/Ciências Sociais. Temos uma estrutura curricular que propõe formar bacharéis em Ciências Sociais, mas que na verdade não os forma pois,

apesar de ter uma carga teórica muito grande, não se aprende o ofício de sociólogo para trabalhar na administração pública, em sindicatos e ONG's ou mesmo em empresas privadas. Os cursos não criam campo de estágio para eles. Os bacharéis se graduam e a única alternativa que possuem é fazer pós-graduação em todos os níveis. Assim, os bacharéis que conseguem fazer isso, tornam-se professores de universidade ou faculdades, sem nunca terem entrado em sala de aula.

A licenciatura forma professores, ainda em um esquema muito antigo que nos remete à década de 1930, com algumas modificações em 1962, com a normativa dos currículos mínimos. Pelo menos há mais de 50 anos que a formação de professores na área de ciências sociais não se altera significativamente. Nós cientistas sociais, que sempre afirmamos a necessidade de mudança/transformação social, não conseguimos e, na maioria das vezes, impedimos qualquer mudança em nosso próprio curso. Congelamos nossos cursos, mas a realidade política, economia e social brasileira e mundial se alterou profundamente.

Assim os licenciados em Ciências Sociais têm a opção hoje de ministrar aulas no ensino médio e quando conseguem fazer o mestrado e doutorado, em faculdades e universidades. Entretanto, neste último caso as vagas são muito limitadas e no ensino médio, com as alterações políticas atuais, as possibilidades são menores.

A minha relação mais direta com a sociologia para o ensino médio tem início com um fato fortuito. Em 1992, uma amiga professora foi convidada por um amigo seu, editor da Editora Atual, para fazer um livro de Sociologia para o ensino médio. Como estava fazendo seu doutorado, indicou-me para esta tarefa. Aceitei, mas como nunca havia pensado nesta possibilidade, resolvi convidar alguns amigos professores para escrevermos um livro juntos, cada um em sua área. Assim foi publicado no final de 1993 o livro *Iniciação à sociologia*, que coordenei e escrevi uma unidade e participei de outra. Além disso, na UEL havia um grupo de professores interessados em promover a introdução da Sociologia nas escolas da região. Estes dois fatores permitiram que a minha inserção nesta área foi se desenvolvendo gradativamente. Some-se a isso, os esforços da Editora Atual em divulgar o livro, o que me permitiu viajar para muitos lugares do Brasil, ministrando palestras para alunos e professores.

Em 1997, em plena atividade de doutorado, a Ed. Atual me pediu para escrever outro livro, mas para alunos do ensino médio, que queriam ser professores, hoje para o ensino fundamental I. Então aproveitei mais esta oportunidade e escrevi, sozinho o livro *Sociologia da Educação*. Assim, pouco a pouco, estava me envolvendo cada dia mais com a sociologia para este nível do ensino.

Mas a ampliação mesmo de minha participação foi quando a editora me pediu para escrever um livro sozinho para o ensino médio. Em 2007 foi publicado o *Sociologia para o ensino médio*. Agora em novo formato, com nova diagramação e em cores, o livro foi um sucesso editorial. Cinco anos antes do primeiro PNLD em que a Sociologia participou, a editora apostou na possibilidade de um livro de Sociologia mais adequado a este nível de ensino. Concomitante a isso, as viagens pelo Brasil se tornaram mais frequentes, não só para divulgar o livro, mas também a convite de professores e alunos de todas as partes do país, ministrando palestras, cursos e oficinas. Com o PNLD de

2012, a presença deste livro, adaptado às exigências do edital, teve uma repercussão que nem sei avaliar.

Some-se a isso, estava em plena agitação as campanhas pela volta da Sociologia no ensino médio em todo o Brasil, nas mais diversas possibilidades, desde localmente até as organizações nacionais, como a Federação dos Sociólogos do Brasil e a Sociedade Brasileira de Sociologia, onde participei ativamente. Penso que o ponto alto desta caminhada foi a participação na escrita das Orientações Curriculares Nacionais – OCN's Sociologia, junto com Elizabeth Guimarães da UFU e de Amaury C. Moraes da USP, sob a coordenação deste.

Assim, a minha inserção na área da sociologia do ensino médio, foi gradativa e chegou a um patamar jamais pensado. É óbvio, que além da Ed. Atual, que depois foi comprada pela Ed. Saraiva, tive muitos companheiros que me alimentaram com suas visões e perspectivas e que fazem parte desde processo que culminou coma criação da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS). Com muitos companheiros, trabalhando incansavelmente, podemos dizer que hoje temos uma comunidade envolvida local, regional e nacionalmente na discussão sobre a presença da Sociologias;/Ciências Sociais no ensino médio.

Professor Gleison: A sociologia no Brasil, no que tange a sua presença enquanto disciplina do ensino médio, é marcada por um processo de intermitência, ora sendo obrigatória, em outro momento tendo seu ensino facultativo e, em outros momentos, sendo delegada a ausência nos currículos. Como o senhor vê a relação entre sociologia, enquanto disciplina vinculada a realidade sociopolítica que a circunda, e os contextos e acontecimentos sociais, políticos e históricos que marcaram a história brasileira e da própria sociologia?

Nelson Tomazi: Sobre a intermitência da presença da Sociologia no EM é necessário salientar ela sempre esteve vinculada à legislação educacional vigente e suas possíveis transformações. Sem entrar em detalhes por épocas onde ela esteve presente/ausente, porque sobre isso muito já se escreveu, é importante destacar que pelo menos há um intervalo de quase 50 anos, onde ela pouco ou não esteve presente no ensino médio. E isso trouxe um prejuízo enorme para o seu desenvolvimento. Se tomarmos o exemplo da História e da Geografia que não sofreu este percurso, podemos perceber como estas disciplinas se desenvolveram, através de publicações e congressos em vários níveis, resultando daí uma massa crítica e um detalhamento de ações para o ensino médio, que nós da Sociologia estamos desenvolvendo somente há uns 15 anos, mas com resultados expressivos. Mas falta ainda muita discussão e aprofundamento sobre o que ensinar em Sociologia no ensino médio e principalmente como formar professores para este nível. Penso que estes são dois entraves para o seu desenvolvimento mais efetivo, além é claro da situação política vigente e das propostas de cancelamento da disciplina ou diminuição de horas pelos governos estaduais.

A relação da sociologia/ciências sociais com a realidade nacional que a circunda é muito diversa e contraditória. Por exemplo: os cursos de pós-graduação em nossa área cresceram exponencialmente durante a ditadura militar de 1964, bem como a leitura e discussão de Marx e do marxismo desenvolveu-se muito neste mesmo período. Assim, penso que é nos períodos de incerteza e de repressão até, que devemos manter a nossa

bandeira hasteada, pois mesmo se não pudermos fazer isso, devemos fazer aquele trabalho de formiguinha. Trabalhar no espaço possível, abrindo outros espaços não tão visíveis de tal modo que possamos ir construindo outros possíveis caminhos de atuação.

Mas ficando no espaço da sociologia/ciências sociais no ensino médio se pode dizer que ainda temos muito caminho para andar. Como o ensino médio é de prerrogativa dos governos estaduais há muita discrepância sobre a presença desta disciplina nos currículos escolares. Em alguns estados há professores graduados em ciências sociais, mas na maior parte deles os professores que ministram aulas de Sociologia não são graduados na área. Aí está uma luta que pode/deve ser empreendida sem recuos.

Outra questão a pensar é que um dos nossos maiores adversários está dentro das universidades, pois a licenciatura é vista como algo marginal, de pouco valor. Este processo que já estava presente antes do surgimento do C. Lattes, ampliou-se muito, pois o importante hoje é a pós-graduação. A maioria dos professores quer ministrar aulas na pós-graduação e quase fogem das aulas na graduação e muito mais da licenciatura. Os alunos entram na universidade e já estão envolvidos neste processo e por isso querem logo fazer seu C. Lattes. Estabelece-se aí um novo valor que é pontuar neste currículo. Estamos olhando para o nosso umbigo num processo de reprodução interna de nós mesmos. Perdeu-se a visão da relação entre a universidade e a sociedade e dentro desta a relação com a questão educacional mais ampla. Só se reage quando somos atacados ou procuram destruir algo que se conquistou, mas o trabalho cotidiano em sala de aula, nos diferentes níveis e a ideia de uma comunidade de conhecimento e de formação está se perdendo. É claro que temos muitos professores que batalham muito nesta direção, mas o individualismo crescente e o produtivismo acadêmico tornam a vida acadêmica e docente muito estéril. Parece que cada um está por sua própria conta e risco.

Enquanto não focarmos que o fundamental é a formação destes jovens seja na universidade (futuros professores) ou no ensino médio, dando-lhes ferramentas para pensar e criticar a sociedade em que vivem, estaremos minguando pouco a pouco, pois as forças da manutenção do *status quo* são fortes, inclusive no interior das universidades.

Professor Gleison: O Brasil, nas últimas décadas, vem construindo um modelo de sociedade democrática, no plano jurídico, marcada pela promulgação da carta magna em 1988. Em uma sociedade, ainda em processo de fortalecimento de uma estrutura tão recente, qual o papel da sociologia, enquanto disciplina escolar, no processo de fortalecimento das instituições democráticas?

Nelson Tomazi: Antes de mais nada é necessário deixar claro que no Brasil nunca houve uma democracia de fato e mesmo a representativa que ainda temos, sempre sofreu diversas restrições. Lembro-me quando depois da Constituição de 1988 falava-se muito em redemocratização. Numa entrevista ou texto, não me recordo, Florestan Fernandes dizia que para refazer alguma coisa era necessário ter havido antes algo que teria que ser refeito. Só se pode falar em redemocratização se houve democracia algum dia neste país.

Passando pela memória, só no período da República que começou com um golpe militar contra a monarquia por militares monarquistas, e continuou a maior parte de nossa estrutura política foi dominada por golpes civis/militares, ou tentativas de golpes.

A representação política desde as Câmaras de Vereadores, passando pelas Assembleias Legislativas estaduais até o Parlamento federal é dominada por quem pode acessar recursos financeiros lícitos e ilícitos. Não há em nenhum nível uma representação efetiva da sociedade brasileira nestes espaços. Eles são dominados por quem tem o poder efetivo no interior da sociedade. Vivemos em uma oligarquia liberal.

Penso que a Sociologia/Ciências sociais tem uma grande contribuição a dar na construção de uma sociedade democrática. Combater o individualismo exacerbado, que já era criticado por Emile Durkheim, analisar e desmontar aparatos burocráticos controladores da vida social e política que Max Weber analisou muito bem, é um bom caminho a seguir.

A vida democrática começa também dentro da escola, desde o nível inicial, buscando sempre a participação de todos na construção deste projeto. Mas o que vemos é um espaço controlado pela burocracia/administração e ainda com a presença de professores que se parecem proprietários do saber e da própria sala de aula. Já dizia Paulo Freire que a democracia morre na porta da sala de aula. Também Theodor Adorno deixa muito claro isso quando analisa os tabus do magistério na Alemanha, mas que não é muito diferente aqui. O autoritarismo nas escolas prepara indivíduos autoritários. A autoridade do professor não se impõe, mas deve ser reconhecida pelas suas ações concretas.

Disseminar a ideia de solidariedade e fazer da escola um espaço democrático, onde todos possam falar e participar e decidir é um bom caminho para se criar uma vida democrática. Além disso, penso que desenvolver o espírito de crítica é fundamental, num momento em que criticar o trabalho de um colega é quase um crime. A divergência é um elemento fundamental da democracia, como eu entendo, pois se houver consenso em tudo, onde todos concordam, o caminho para a ditadura do pensamento e da vida social estará aplainado.

Mais do que o fortalecimento das instituições democráticas é necessário criá-las, pois o que temos é um arremedo delas. Desenvolver a imaginação e a criatividade democrática nos pequenos espaços de sociabilidade significa um passo enorme na construção de uma vida social comum.

Professor Gleison: Vivemos tempos de grande efervescência política e de debates acalorados acerca da função social do ensino e da escola, sobretudo a partir de discussões acerca do papel social da escola, tais como o debate entorno do projeto “escola sem partido”. Como o senhor pensa a função da escola e da sociologia enquanto disciplina escolar?

Nelson Tomazi: O papel da escola pública e sua importância, vem sendo construída no Brasil pelo menos desde a década de 1930 e os cientistas sociais sempre estiveram na ponta desta discussão, basta lembrar a contribuição de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes e Darci Ribeiro entre outros tantos. A partir de então as

ciências sociais sempre estiveram presentes em todos os debates sobre educação no Brasil.

Hoje vivemos um período muito difícil, pois temos um governo que é contra um ensino de qualidade que procura matar a educação e a cultura. Há um projeto visível de destruição da educação pública através de diversos mecanismos. O corte de verbas constante indica um projeto de privatização crescente, pois afinal o capital necessita se reproduzir também nas esferas dos serviços como os da previdência, da saúde, da educação, do saneamento básico (água e esgoto), dos transportes públicos, etc.

O projeto “Escola sem partido” foi morto e enterrado enquanto projeto visível, mas enquanto proposta política continua na forma de “escola do nosso (deles) partido”. Exemplos marcantes são a implantação de colégios com orientação militar e também uma forma mais sutil que é a presença de grandes corporações no espaço educacional (Fundação Airton Senna e Fundação Lehmann entre outras) que em nome de melhorar a educação nacional vão desenvolvendo projetos em prefeituras e estados da federação com objetivos claros de disseminar propostas educacionais que conformem os alunos a uma sociedade onde o individualismo seja uma pedra fundamental. Por isso aparecem propostas de se ensinar empreendedorismo, eliminando visões de comunidade, solidariedade, trabalho coletivo, etc. Desenvolvem um trabalho de construção de uma hegemonia baseadas em valores individualistas. Por isso a necessidade de se criar uma contra-hegemonia no sentido de Gramsci.

Dentro desta perspectiva situa-se a proposta aprovada do chamado “novo ensino médio” elaborada pelo Banco Mundial há muito tempo que iniciou sua caminhada no governo de FHC, passou pelos governos de Lula e Dilma e foi imposta no governo Temer. Ela atende fundamentalmente aos interesses privatistas dentro do espaço público. Portanto, temos que levar em conta, que depois de todos estes anos, ela veio para ficar. Não há mais volta a uma situação anterior. É dentro deste marco que temos agora de pensar em formas e estratégias para manter a presença das ciências sociais nas escolas. Cabe a nós imaginarmos saídas pelas brechas do sistema, pois ele não é um bloco compacto. Como o ensino médio é de competência dos estados da federação e como não há unidade entre seus governantes é possível resistir às investidas privatizantes e de desqualificação dos professores e ao mesmo tempo lutar para ampliar as possibilidades de uma escola pública de qualidade.

Quanto à presença da sociologia/ciências sociais na escola média penso que é o momento de começarmos a dialogar com as outras disciplinas, História, Geografia e Filosofia em todos os níveis, para estabelecermos lutas conjuntas para manter e ampliar a presença delas neste espaço escolar, juntas e separadas quando e onde for possível. Sabemos que muitos professores de Sociologia também ministram aulas de Geografia, História e Filosofia para completarem a carga horária e que os professores destas disciplinas também ministram Sociologia para o mesmo fim. Quem sabe isso já seja a possibilidade de uma luta conjunta, deixando de lado as divergências. Mas isso deve ser construído lentamente e no cotidiano de cada escola.

Continuo afirmando que a educação, como valor fundamental, ainda está viva e atuante, mas é necessário sabermos que educação/escola queremos daqui em diante.

Professor Gleison: Pensando a singularidade contemporânea das relações que hoje são estabelecidas, nos mais variados âmbitos: mídias sociais, tecnologias, política, gênero e sexualidade, dentre várias outras, como a sociologia deve pensar-se, enquanto disciplina, de forma a estar conectada às demandas socialmente existentes atualmente e como fazer essa transposição (teoria – ensino) de maneira exitosa em um país tão marcado por desigualdades sociais?

Nelson Tomazi: Penso que a sociologia/ciências sociais estão presentes em todas as discussões contemporâneas e tem contribuído de modo significativo para se entender todos os processos de mudança que estão acontecendo. Estas ciências, bem como todas as outras, são integradas por profissionais que estão atentos aos desdobramentos possíveis das novas tecnologias em andamento, mas é necessário pensar que há muitas alternativas sobre os caminhos a seguir.

Demandas são cada dia mais presentes, mas penso que o professor/escola não pode trabalhar por demanda, ou seja, falar o que está na moda. A sociologia/ciências sociais tem um determinado escopo de conceitos e teorias que procuram explicar e desvendar o que acontece na sociedade e é por isso que penso ser o ensino destas ferramentas fundamentais, inclusive para se entender as demandas sociais existentes. Expor e fazer entender como funciona a sociedade capitalista em todos os seus processos objetivos e subjetivos é o caminho a seguir, pois com este instrumental o aluno terá a capacidade de fazer frente às situações cotidianas que vai vivenciar no seu cotidiano.

A questão da mediação entre o saber teórico e a atividade escolar está na capacidade do professor fazer esta tradução para o cotidiano do aluno, mas isso não se ensina nas universidades. Ele aprende teoria aos pedaços. Ficando apenas nos clássicos constatamos que Marx é ensinado na Sociologia e um pouco na C. Política, mas pouco na Antropologia e mesmo assim só alguns textos (pois livros inteiros não se leem mais); Durkheim é ensinado na Sociologia e um livro (Formas elementares da vida religiosa) é citado na Antropologia, quando é uma das obras mais sociológicas dele. Nunca é citado em C. Política. Weber é lido na Sociologia e na C. Política e raramente na Antropologia. O nosso aluno de graduação tem uma visão fragmentada destes autores e dificilmente consegue avaliar a importância de cada um, suas similaridades e divergências. No fundo ele tem um conhecimento franksteiniano, isto é, cada um faz a sua costura malfeita e no final tem um saber que parece um monstro.

Como fazer a mediação entre teoria e ensino no ensino médio se ele não conhece os principais autores de nossas ciências sociais? Como fazer isso se ele não conhece os princípios metodológicos de cada autor. Se ampliarmos isso para autores contemporâneos isso se complica ainda mais.

Como sugestão poderíamos desenvolver cursos sobre autores com vários professores ministrando aulas. Ficando somente nos clássicos novamente, p.ex. poderíamos ter num semestre onde se poderia ensinar o pensamento de Durkheim (ou Marx, Weber, Simmel e outros) começando pelas influências filosóficas dele, entrando na questão metodológica nas várias obras e depois ver como estruturou seu pensamento em suas obras e como foi modificando seu pensamento. Este aluno sairia no final de seu curso com uma visão geral do autor bem sedimentada. Assim teria muito mais condições de

fazer a mediação necessária, pois com a clareza obtida seria mais fácil fazer a leitura do mundo de seus alunos e tentar traduzir teoria e conceitos nos temas do presente.

Quanto às desigualdades sociais, para indicar um autor contemporâneo, o mais importante é demonstrar como P. Bourdieu sempre disse, que ela não é algo natural, e que ela é fruto das sociedades, das relações sociais que as criam e reproduzem continuamente. Mas o que vemos hoje é uma inversão desta explicação, quando se divulga que o indivíduo é o culpado por sua situação de penúria. Mas como fazer isso se ainda não se ensina como desnaturalizar as explicações correntes na vida social?

Pensando o cotidiano nas escolas penso que há algumas tarefas simples e que considero fundamentais:

- **Ensinar a ler.** A maioria de nossos alunos não sabem ler fluentemente. Não possuem o gosto e o prazer de ler. E isso se desenvolve na escola (na família também quando há esta possibilidade). A leitura desenvolve a necessidade de parar um pouco, desenvolver a introspecção, a disciplina e dá uma autonomia ao indivíduo pois possibilita andar com suas próprias pernas (pensamento) além de desenvolver um universo de julgamento.

- **Desenvolver uma aprendizagem científica.** As ciências sociais possuem um repertório de explicações científicas que se opõem ao senso comum ou ao pensamento mágico-religioso. Torna-se necessário exercitar continuamente esta atividade, pois ao analisar os fatos cotidianos é fundamental mostrar que a aparência é diferente da essência deles. Assim nossos alunos podem a começarem a pensar por si mesmos com fundamentação, deixando de lado as explicações fáceis da vida social.

Se um aluno chegar para você e dizer: “professor eu nunca tinha pensado desta forma” penso que neste aluno já foi inoculado um vírus (para falar em linguagem tão presente) do conhecimento científico, ou seja, ele começou a estranhar os acontecimentos vividos.

- **Ensinar a pesquisar na internet.** Na maioria dos casos os alunos já possuem seu celular e com este dispositivo pode-se acessar todo tipo de informação inclusive texto e artigos científicos ou não. E essa informação deve ser transformada em conhecimento. Na maioria dos casos o professor não precisa ser um depositário do conhecimento das ciências sociais e seu reprodutor privilegiado, pois já está disponível na internet. Entretanto nossos alunos não sabem pesquisar neste meio. Se é necessário ensinar a ler é fundamental ensinar a pesquisar nos canais virtuais. É uma ferramenta poderosa para ampliar o conhecimento dos alunos e permitir que eles possam ter a capacidade de discernimento entre o que é sem sentido e o que é fundamental.

- **Ensinar a pensar sociologicamente, mais do que ensinar sociologia.** Normalmente o que se vê no ensino médio, é o professor (que se graduou em ciências sociais) reproduzir pura e simplesmente o que aprendeu na universidade. É isso o que chamo de ensinar sociologia. Quando ele não é graduado na área a situação complica mais ainda, pois pode acontecer qualquer coisa. Quando expresso a necessidade de se “ensinar a pensar sociologicamente” remeto à disposição do professor partir de fatos cotidianos do aluno e demonstrar as suas ligações com as questões mais gerais que os definem e os explicam. Algo muito parecido com o que C. Wright Mills designa como “imaginação sociológica” (Livro que deveria ser leitura obrigatória para toso os alunos da graduação). Esta ação teria a capacidade de fazer a escola falar do presente. Perde-se

muito tempo falando-se do surgimento da sociologia e de conceitos e teorias sem aderência à realidade de hoje.

Poderia indicar exemplos bem simples em todos estes casos, mas aí seria necessário escrever muito mais. Fica para outro momento.

Professor Gleison: Fechando nosso diálogo, gostaria de ouvi-lo acerca de uma questão que vivemos atualmente. O mundo foi assolado por uma pandemia (Coronavírus) e o processo de ensino aprendizagem vem sendo debatido e colocado no centro da discussão educacional. Gostaria de saber como o senhor percebe o ensino de sociologia em tempos de pandemia, sobretudo, nesses tempos em que o ensino remoto vem deixando evidente uma desigualdade que assola a sociedade brasileira, no que tange a estrutura de ensino remoto para o educando (espaço residencial adequado ao ensino, *internet* de qualidade, aparelhos eletrônicos e etc). Qual o papel da sociologia e do professor de sociologia nesse contexto?

Nelson Tomazi: O momento em que vivemos é realmente muito extraordinário e só poderemos vislumbrar um pouco do que vem pela frente se entendermos alguns elementos que estão muito além de nós e ao mesmo tempo presente em nosso cotidiano. Inicialmente se pode dizer que o que vem por aí será muito diferente do que vivemos até agora.

A crise econômica já estava no horizonte, mas foi alavancada pela epidemia do Coronavírus. Esta por sua vez criou uma situação inusitada para todos nós, pois o chamado “distanciamento social” que seria melhor chama-lo de “isolamento social” para aqueles que podem criou uma série de questões individuais e familiares. Em termos de morbidade o que se vê é que os mais pobres que não possuem a alternativa de ficarem em casa e se protegerem, pois precisam trabalhar para o sustento diário, foram os mais atingidos. Assim a pandemia tornou-se a sindemia (ver em <https://www.cee.fiocruz.br/?q=node/1264>) E aí temos uma questão sociológica a se tratar e analisar com urgência, pois é necessário mostrar a importância das ciências sociais neste processo ao analisar a questão das desigualdades sociais.

Além disso, há outro aspecto a destacar que é a questão dos grandes conglomerados farmacêuticos (BigPharma) que representam junto com os grandes sistemas que utilizam a internet para produzir notícias, vender mercadorias e produtos eletrônicos (Amazon, Microsoft, Facebook, Google e outros) que estão lucrando muito, o que demonstra como o grande capital se aproveita de tudo para ampliar seus tentáculos. Temos aí velho imperialismo agora mais globalizado e virtual. Mais um tema a ser analisado em sala de aula.

Mas focando a questão do ensino nesta situação há muita coisa para se dizer. O fato mais visível são as disparidades sociais no chamado ensino remoto. Quantos possuem as mínimas condições para poder acessar os conteúdos que os governos estão pondo à disposição nas redes internetianas? Além disso, não houve nenhuma preparação anterior a este processo. O aluno e seus familiares que se virem. Os pais e parentes passaram a ser co-professores (auxiliares neste processo) trazendo, quando isso é possível, um encargo a mais nas lides familiares.

Do ponto de vista do professor, que é obrigado a trabalhar em casa, é outra questão, pois é ele que custeia todo este esforço: energia, espaço em casa, equipamentos, conexão por wifi, enfim todo um aparato que ilustra uma faceta da privatização do processo de ensino por conta e risco do professor. No caso das escolas privadas houve um processo de demissões em massa, pois agora um professor pode “orientar” (sic) muito mais alunos.

O que me preocupa é que este processo todo veio para ficar. Deveremos ter nos próximos anos uma ampliação deste processo, de tal modo que o professor pode passar a ser um mero instrutor de “pacotes instrucionais/educacionais” prontos para serem aplicados sem a interferência deles, até com as avaliações prontas e com os resultados destas também avaliados por sistemas computacionais (robôs, algoritmos, etc.), produzindo relatórios que além da avaliação dos alunos também avaliam os professores/instrutores. Nas escolas privadas isso já é uma realidade, pois em muitas delas já não existem material impresso e somente em plataformas já padronizadas. Quando chegará às escolas públicas?

A grande dificuldade são os professores que não estão antenados para esta mudança e olham para o passado como se fosse algo muito melhor do que é hoje. Sem entrar nesta discussão é importante frisar que o ensino remoto veio para ficar, mesclado ou não, ele estará presente no cotidiano escolar daqui para frente

Além disso, penso que é o momento também de se analisar e discutir, em todos os níveis de ensino, o processo de controle social que isso acarreta. Autores como Michel Foucault e Gilles Deleuze já apontavam para isso. Talvez seja um momento de revisita-los. Mais recentemente o sul coreano Byung-Cul Han atualiza esta perspectiva quando analisa em seu livro *Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*, como estamos sendo controlados em todos os aspectos de nossa vida.

Para concluir gostaria de dizer algumas coisas breves. Tenho netos no ensino médio e eles gostam muito deste formato de estudar pela internet, pois as escolas/aulas presenciais são muito chatas e enfadonhas. Sentem falta mesmo da vivência, dos encontros com os colegas no ambiente escolar. Isso me faz repensar a escola que temos e a necessidade de revisar nossos conceitos de ensinar os jovens. Eles nasceram num mundo virtual que faz parte da vida deles. E isso só vai se acelerar. Então temos que utilizar esta realidade para criarmos uma nova maneira de atingir esta juventude. Talvez seja o momento de deixarmos de lado a atitude do professor resumidor de conteúdo para aquele que ensina a pesquisar e as nossas aulas possam ser espaço de discussão e debate.

A segunda coisa que gostaria de indicar é a análise de pessoas que estão utilizando as redes sociais (youtube e outros canais) para ensinar e fazer pensar na área das ciências humanas. Cito como exemplo Rita von Hunty (Guilherme Terreri Lima Pereira) que em poucos minutos faz análises e abordagens sobre a realidade brasileira e mundial muito interessantes. Chavoso da USP (Thiago Torres), jovem da periferia de São Paulo que conseguiu entrar no curso de Ciências Sociais da USP e procura disseminar o conhecimento que assimilou para outros jovens. Audino Vilão (Marcelo Marques) estudante de História em São Paulo, apaixonado pela Filosofia, procurara disseminar ideias de filósofos numa linguagem para jovens da periferia (“quebrada” na linguagem

dele). Podem sofrer críticas as mais variadas, mas são pessoas que estão tentando disseminar ideias, conceitos e análises no sentido de fazer as pessoas refletirem sobre a vida cotidiana e suas relações com a sociedade em que vivem. São experiências válidas que não excluem o trabalho de ensino escolar, mas o complementam.

Finalmente, gostaria de agradecer esta oportunidade de poder expor algumas ideias sobre temas tão complexos e abrangentes. Peço desculpas por não poder explicar mais e dar exemplos mais precisos, em cada questão abordada, mas fico à disposição de todos, para em outro momento, através das múltiplas possibilidades virtuais que existem, para mantermos esta conversa sempre ativa e esclarecer mais o que aqui escrevi. E como sempre afirmo, espero que ao lerem esta entrevista possam ficar com mais dúvidas do que certezas.

31 de dezembro de 2020.